

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
29 de Outubro de 2022

SOL BRANCO / 2015

Realização e Argumento: Cristèle Alves Meira / Direcção de Fotografia: Julien Michel / Som: Amaury Arboun / Montagem: Cécile Frey / Interpretação: Tatiana Martins (Selena), Éliane Caldas (Marina), Cristèle Alves Meira (Vanessa).

Produção: Fluxus Films / Produtora: Gaelle Mareschi / Cópia digital, cor, falada em português e francês com legendas em português nos diálogos em francês / Duração: 22 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

CAMPO DE VÍBORAS / 2016

Realização e Argumento: Cristèle Alves Meira / Direcção de Fotografia: Rui Poças / Direcção Artística: Julien Michel / Som: Amaury Arboun, Vincent Pateau e Cédric Lionnet / Montagem: Raphaël Lefèvre / Interpretação: Ana Padrão (Lurdes), Sónia Martins, Simão Cayatte, Ludovic Berthillot, Jacqueline Corado, Ana Brito e Cunha, etc.

Produção: Fluxus Films – Ukbar Filmes / Produtores: Gaelle Mareschi, Pandora da Cunha Telles e Pablo Iraola / Cópia digital, cor, falada em português e francês com legendas em português nos diálogos em francês / Duração: 20 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

INVISÍVEL HERÓI / 2019

Realização e Argumento: Cristèle Alves Meira / Direcção de Fotografia: Julien Michel e Manuel Pinho Braga / Som: Vincent Pateau e Simon Apostolou / Montagem: Pierre Deschamps / Interpretação: Duarte Pina, Lucília Raimundo.

Produção: Fluxus Films – Midas Filmes / Produtores: Gaelle Mareschi e Pedro Borges / Cópia digital, cor, falada em português / Duração: 28 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

TCHAU TCHAU / 2021

Realização e Argumento: Cristèle Alves Meira / Direcção de Fotografia: Julien Michel / Som: Vincent Pateau e Pierre Bouchilloux / Montagem: Pierre Deschamps / Interpretação: Lua Michel (Lua), David Meira (papi), Cristèle Alves Meira (mãe), Elmano Sancho (o padre), etc.

Produção: Kidam / Cópia digital, cor, falada em português falada em português e francês com legendas em português nos diálogos em francês / Duração: 18 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Quatro filmes de Cristèle Alves Meira

Com a presença de Cristèle Alves Meira

Todas estas quatro curtas-metragens de Cristèle Alves Meira foram realizadas tendo no horizonte **Alma Viva**, a longa-metragem que na sessão desta noite vamos mostrar em ante-estreia. E as relações entre os filmes curtos e o filme longo são tão fortes e tão fascinantes que quase dá vontade de propor uma sessão única com todos eles – percebemos melhor **Alma Viva** depois do conhecimento destes filmes, percebemos melhor o caminho que estes filmes percorrem depois do conhecimento de **Alma Viva**.

Por atacado, os filmes exprimem notações das obsessões temáticas que pontuam **Alma Viva** (com a eventual excepção, embora a relação se mantenha forte, de **Invisível Herói**, porventura o mais “diferente” destes filmes). O universo rural transmontano, dado nas suas peculiaridades físicas e geográficas mas também culturais, nomeadamente a coexistência de uma religiosidade canónica e de um misticismo que não há melhor forma de descrever do que chamar-lhe “pagão” (como dizia António Reis, na altura de **Trás-os-Montes**, ali o catolicismo é um fenómeno muito recente, só mais uma camada mística a sobrepor-se a outras camadas de misticismo). A relação, dentro desse universo, entre os habitantes locais, os que nunca saíram dali, e os emigrantes ou filhos de emigrantes que foram viver para o estrangeiro (sobretudo para França) e todos os anos regressam para o Verão (dado que exprime muito directamente a experiência da própria Cristèle, crescida em França mas com raízes na região de Vimioso). A estranheza resultante deste choque entre mundos, dada entre a sociologia e, digamos, a magia, totalmente embrulhadas uma na outra. E finalmente, uma obsessão muito particular de Cristèle, o tema da morte dentro do espaço familiar – com tendência a ser observado e verificado a partir dos olhos da infância, os olhos mais aptos a ver o mundo a partir dessa mistura de realidade e irreabilidade.

Isto começa logo em **Sol Branco**, o mais remoto destes filmes, e onde a fuga de duas miúdas (uma delas vestida de Branca de Neve, sinal evidente de uma magia fabulosa) num dia de verão unifica quase todos estes temas, e tanto o périplo infantil como a busca dos adultos (a personagem da mãe é interpretada pela própria Cristèle) são um pretexto para um olhar sobre a região onde há tanto de sociológico (as cenas nos cafés, os reparos e comentários sobre “os emigrantes”) como de subjectivo (o olhar infantil sobre um mundo cheio de maravilhas, como a natureza, e coisas incompreensíveis, como o par descoberto entre os arbustos em plena relação sexual). Prolonga-se em **Campo de Víboras**, talvez o filme mais próximo de **Alma Viva**, desde logo por também trazer Ana Padrão como protagonista e se compor como um retrato social temperado por não poucos mistérios (as víboras, desde logo, símbolo ou sintoma de um território armadilhado, e armadilhado por quê?, pelo olhar dos outros, dos vizinhos, dos locais, desde logo), e onde a franqueza com que aspectos ditos realistas são tratados (as festas, os bailes, o sexo) vem sempre coberta por uma dimensão mais inexplicável (a “fuga” de Padrão pelas ruas da aldeia, perseguida por uma espécie de monstro). **Invisível Herói** muda o registo: não estamos em Trás-os-Montes, mas na zona de Lisboa, entre as praias da Linha do Estoril e as discotecas à beira do Tejo. É a aventura de um homem invisual (protagonizado por Duarte Pina, umas das presenças mais fortes em **Alma Viva**, sendo esta a relação mais forte entre os dois filmes) que anda à procura de um amigo caboverdeano para lhe oferecer uma canção. É um filme conduzido quase obsessivamente pelo olhar sobre o corpo e o rosto de Duarte Pina, a sua forma de se mexer, a sua forma de estar quieto, de “olhar”, de falar com os outros (*y compris* a sua oralidade), e que também se conclui, pese todo o realismo das paisagens, numa zona indistinta entre o imediatamente reconhecível e um espaço mágico (as cenas finais na discoteca). E finalmente **Tchau Tchau**, mais um filme do confinamento e da pandemia, assente em relações familiares mantidas à distância de telemóveis e ligações de internet. Introduce Lua Michel, filha de Cristèle e protagonista infantil de **Alma Viva**, e introdu-la numa história onde o luto dentro da família é, igualmente, preponderante. Fortíssima, a eclipse do desaparecimento do avô, fortíssimo o telefonema da miúda para um telemóvel que ninguém atende. Fortíssimo, igualmente, a imagem do caixão num ecrã de computador e o padre a conduzir um velório pela internet, o “split screen” a encher-se quadrinhos e idas e vindas dos que vieram fazer o trabalho de luto.

Belo conjunto de filmes, que reforça a beleza de **Alma Viva**.

Luís Miguel Oliveira